

da mesma esquina sempre o mesmo olhar:
nada do que era teu vou devolver

a palavra mordida entre os lençóis
as cinzas de outro lume à cabeceira

as lâminas do amor o fogo a espuma
a transbordar de ti na tua fuga

A língua sobre a pele o arripio
os teus dedos na escada do meu corpo

COMPRIMIDO II



Alice Vieira (1943)
licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo, tendo

trabalhado nos jornais "*Diário de Lisboa*" (onde, juntamente com o seu marido, o jornalista e escritor Mário Castrim, dirigiu o suplemento "*Juvenil*"), "*Diário Popular*" e "*Diário de Notícias*" e colaborou durante muitos anos com a revista "*Activa*" e o "*Jornal de Notícias*". Atualmente colabora na revista "*Audácia*", dos Missionários Combonianos e no "*Jornal de Mafra*" on-line. Trabalhou em vários programas de televisão para crianças e é considerada uma das mais importantes escritoras portuguesas de literatura infanto-juvenil. As suas obras foram traduzidas para várias línguas.

De tudo o que era meu deixo-te o fogo
os resíduos do tempo a ferida gangrenada
o palato onde a língua se desvenda
nos ritos obscuros da morte

Deixo-te ainda o declínio dos lugares
onde as vozes amadas se perderam para sempre
e o eco das palavras desgarradas ao meio-dia
quando os cães ladravam no calor dos pátios
clandestinos

Entre a saliva e os sonhos há sempre
uma ferida de que não conseguimos regressar

COMPRIMIDO I

Outubro 2016

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO III

Entre a saliva e os sonhos há sempre
uma ferida de que não conseguimos regressar

e uma noite a vida
começa a doer muito
e os espelhos donde as almas partiram
agarram-nos pelos ombros e murmuram
como são terríveis os olhos do amor
quando acordam vazios

COMPRIMIDO V

Quando Pessoa ouvia o sino da sua aldeia
a esplanada da Brasileira nem sonhava em
tê-lo um dia de bronze sentado à mesa
numa cadeira desconfortável
esperando por Ofélia

que nunca ali foi beber a bica nem a meia de
leite
e com quem ele muito provavelmente
nunca falou do Esteves da tabacaria nem
partilhou angústias e chocolates

que ela hoje de qualquer maneira
não comeria por
estarem demasiado carregados de
metafísica e calorias

COMPRIMIDO IV

Às vezes uma palavra bastava
para que eu soubesse que virias sempre ao
meu encontro

mas depois chegaram imprevistas
tempestades
que desenharam estranhas perdições
no mapa dos teus dedos

e as palavras que ninguém quis
silenciaram a festa do meu corpo
e cobriram o teu daquele silêncio imóvel
dos lençóis que se estendem sobre as casas
abandonadas no fim do verão

COMPRIMIDO VI

Aprendemos disciplinadamente a pôr
o tempo no seu lugar

adiantámos todos os relógios mesmo os
que há muito tinham parado nas 10 e 10
para que houvesse sempre mais um cigarro
uma mensagem no telemóvel um grito na
varanda

um táxi para o último comboio
--a tua sombra definitivamente adiada
para quando subíssemos a escada a correr
e a manhã não voltasse

SAUDADES DE CAMELIAS

“Então o que vai ser hoje, menina?”

Ela sorri, só no mercado é que ela ainda é menina, enquanto a rapariga vai gabando as virtudes da mercadoria, “as rosas nem estão muito caras, e se a menina lhes deitar o pó desta saqueta duram muito mais. E temos umas cravinas lindas...”

De repente ela pergunta:

“Não tem camélias?”

A rapariga olha para ela espantada:

“Camélias, menina? É muito raro haver agora camélias, acho que nem deve ser o tempo delas, e mesmo que fosse, hoje já ninguém compra camélias, a menina sabe como é, há modas para tudo, e hoje o que as pessoas querem é ramos assim muito bem armados, há floristas que até põem uns ananases no meio do arranjo, e umas joaninhas de plástico, eu por acaso nunca ponho, e a menina por que não leva estas cravinas?”

Ela nem ouve a rapariga, ela está muito longe, daqui a momentos vai encontrar-se com o homem que amou desvairadamente aos 20 anos e que já não vê há mais de trinta, e que por acaso encontrou num café ao lado de casa e com quem combinou um almoço, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

“O meu primeiro namorado dava-me sempre camélias no dia dos meus anos..”, murmura, “eu tinha sempre muito medo que a minha mãe visse, e enfiava-as dentro da pasta do liceu... E elas aguentavam...”

A rapariga não parece comover-se com histórias românticas, faz-lhe o ramo das cravinas, recebe o dinheiro, dá-lhe o troco.

Mas à laia de consolação sempre lhe vai dizendo que às vezes, de quando em quando, lá vão aparecendo, “se a senhora quiser, eu aviso quando receber camélias e guardo-as para si. A senhora pode ficar descansada.”

Ela sorri porque, de um momento para o outro, deixou de ser “menina.” O que se compreende: quem tem saudades de “flores tão antigas”, neste mundo de coisas estranhamente modernas, como ananases e joaninhas de plástico em ramos de flores, não merece outra coisa.

Comprimidos Literários de Alice Vieira

Ilustração de Maria Rosas

5

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoporto.pt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 30 de setembro de 2016